



Violências na Escola, sob o Olhar de *Miriam Abramovay*

Miriam Abramovay

MINICURRÍCULO: Graduada em Sociologia Université de Paris VIII e em Ciência da Educação - Université de Paris VIII. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Ciências da Educação - Université Lumière Lyon 2 - França - École Doctorale EPIC - Education Psychologie Information et Communication. É Coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas da Flacso - Brasil. Coordenou no último ano os Projetos: O Papel da Educação para Jovens afetados pela Violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul, parceria da Flacso com o BID; e o Projeto: El Proyecto Somos en Brasil. Deporte y Educación para Ciudadanía de Niños/as y Adolescentes - Sistematización y Evaluación Cualitativa de Experiencias?, parceria da Flacso com a Fundação Real Madri. Foi coordenadora/pesquisadora de diversos organismos (UNICEF, BID, INEAM, FNUAP, UNIFEM), professora da Universidade Católica de Brasília, Vice Coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas (Convênio UCB/UNESCO), coordenou várias pesquisas da UNESCO, foi Conselheira do CONJUVE (Conselho Nacional de Juventude), Coordenadora de Pesquisas da RITLA (Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana). É autora e coautora de vários livros e artigos nos temas de Juventudes, Violências nas Escolas, Gênero, Violência e Juventude, Juventude e Políticas Públicas, Gangues e Segregação Social.

Dialogia: Em seus estudos publicados em periódicos, livros, congressos e entrevistas, você nos fala de uma cultura juvenil, em meio a uma cultura escolar, que, somada a uma cultura de violências, resulta em múltiplas violências, dentre elas o que denomina de violências duras. Como define essa modalidade de violência?

Miriam Abramovay: Bom, eu acho que nós temos que começar pensando o que é cultura juvenil e como essa cultura entra na escola, como ela se faz presente na vida cotidiana, e as contradições que existem, entre essa cultura juvenil e a cultura escolar. Por quê? Porque a cultura juvenil é a cultura de rua, que os jovens começam a aprender na família, evidentemente, e depois na sua vida cotidiana e na rua. Essa cultura juvenil é muito pouco aceita - ou ela é negada - dentro das escolas. Aí começam as grandes contradições e muitos dos problemas que poderiam ser evitados. Acontece que esse adolescente, esse

jovem, adentra a escola com a sua forma de ser, de se vestir, de pensar, de falar, e quando ele chega na escola, isso é negado, pois existe uma cultura escolar que é muito engessada, que não é maleável na aceitação do cotidiano desse jovem e não está acostumada, não está preparada. Os professores não estão preparados. Os adultos, em geral, não estão preparados para receber essa juventude que pensa, que age de forma diferente ao esperado, ao que eles aprenderam, ao que eles querem ensinar. Então, diante disso, evidentemente que há muitas contradições, muitas brigas, o que não obrigatoriamente leva à violência dura, mas leva às violências do cotidiano, às microviolências, às violências institucionais. A violência dura acontece quando todas essas outras violências do cotidiano chegam a um nível onde se usa ou arma ou faca. O que é a violência dura? A violência dura está no código penal, a violência dura é aquilo que não acontece, cotidianamente na escola.

Eu acho que faltou falar mais da cultura juvenil. A Rossana Reguillo, que é uma autora mexicana, desenvolve muito esse tema, e ela diz que é um conjunto heterogêneo de expressões e práticas das juventudes. Ela diz mais: que o novo da cultura juvenil é difícil a escola suportar, isso estou dizendo eu. O jovem é veloz, ele processa a informação, de uma forma muito rápida. Toda a informação que circula em todo planeta, ele interpreta, até com mais facilidade, aquilo que os adultos muitas vezes não conseguem entender, enquanto que na cultura escolar esse jovem é despido dessa condição de jovem e ele se torna aluno e quando ele carrega o seu acervo cultural para dentro da escola, cada vez mais ele fica longe dessa cultura. Então, a escola acaba invisibilizando esse sujeito, fazendo com que ele perca sua dimensão, do que é a identidade juvenil, a sua diversidade, mostrando as diferenças e desigualdades sociais.

Dialogia: O que você recomenda ou sugere como encaminhamentos que podem ser adotados para o enfrentamento das múltiplas violências escolares? Quais experiências indicaria como referência ou como programas inspiradores para essa abordagem?

Miriam Abramovay: Algumas coisas são realizadas como projetos no Brasil. O que falta efetivamente é uma política pública sobre a questão das violências nas escolas. Vocês veem que nós temos todas as medidas possíveis para efetivar a qualidade do ensino, mas nós não temos absolutamente nada para medir o clima escolar. Nesse sentido, eu acho que falta uma direção clara de políticas públicas sobre o tema. Sei que existem muitas experiências internacionais também, eu acho que alguns países têm esse tema como uma política pública, sei que a França e o Canadá têm, que eu conheça, mas eu vou falar mais de um trabalho que nós efetivamos. Nós estamos trabalhando nesse tema há muitos e muitos anos. Num primeiro momento, e durante muito tempo, realizamos pesquisas e as devolvemos para que o poder público pense em políticas públicas. Isso não teve nenhuma efetividade. Isso teve muito sucesso, saiu muito na mídia, demos muitas entrevistas, muitas reportagens. As pesquisas trouxeram e ainda trazem resultados muito gritantes, no entanto nunca isso foi tornado uma política pública. Nós trabalhamos com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), durante um ano, que foi muito pouco, o trabalho foi interrompido e nós fizemos uma proposta para eles, para nós efetivarmos *in loco* um programa sobre convivência e violências nas escolas. Esse programa começou em sete capitais do Brasil. Qual era a nossa proposta? A proposta era que nós pudessemos realizar um trabalho com professores e com

estudantes para que eles entendessem a realidade da sua escola. Evidentemente, além de entender a realidade da escola, a outra proposta era que eles participassem e, efetivamente, conhecessem as suas escolas e que pudessem intervir. Como nós falamos, anteriormente, os estudantes não têm uma participação e uma voz efetiva na escola. Essa proposta deu excelentes resultados, nós conseguimos que os adolescentes e jovens participassem. Antes, fizemos uma pesquisa, ou melhor, um diagnóstico sobre as escolas em cada um dos estados, devolvemos para eles os diagnósticos e eles tinham que, a partir daí, elaborar um plano de ação. Nós oferecemos um modelo de plano de ação para eles colocarem em prática, a partir do que tinha surgido na pesquisa e a partir também da sua própria experiência, para que eles colocassem isso no papel e que pudessem implementar. E, efetivamente, nós conseguimos que eles o fizessem, mas, infelizmente, como muitas outras coisas, nós não tivemos continuidade. Depois nós tivemos uma segunda oportunidade que foi trabalhar com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em duas capitais do Brasil. Nós fizemos a mesma coisa, nós fizemos um *survey* para identificar os riscos que os jovens enfrentam e também os fatores de proteção existentes na comunidade e na família e isso permitiu que a Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em parceria com a Secretaria de Educação, atuasse e apoiasse o programa para contribuir com a diminuição da violência e, principalmente, para a melhoria do clima escolar - que a gente sabe, pela pesquisa, que quando há melhoria do clima escolar, também há melhoria da qualidade de ensino. Então, se passou por várias fases, nós fizemos uma pesquisa com bastante profundidade (qualitativa, quantitativa), analisamos os resultados, realizamos o plano de ação e com eles trabalhamos durante oito meses. Depois, avaliamos o impacto e devolvemos para a Secretaria de Educação. É uma experiência que dá muito certo, é uma experiência que o jovem sente que ele participa e a gente sabe que muitas dessas tragédias que vêm acontecendo, como a do massacre em Suzano, uma parte delas se dá por conta da negação da cultura escolar e dessa negação, do que é ser jovem hoje aqui no Brasil.

***Dialogia:* Que relações poderíamos estabelecer entre estudos sobre território, convivência e participação efetiva dos jovens na elaboração e execução de propostas educativas e ou pedagógicas para superação das violências escolares.**

Miriam Abramovay: Acho que, efetivamente, devemos pensar o que é o clima escolar? O clima escolar é fundamental para o que acontece numa escola. Ele tem relação com as regras, com as relações sociais, com a questão da estrutura da escola, e quando você fala nas relações sociais você pode pensar que existe uma relação efetiva entre a questão da cultura escolar e o que acontece na escola, porque o principal de uma escola é a questão do clima escolar, o que acontece no cotidiano da escola, como se dá a sociabilidade dos alunos, como se dá a relação social entre aluno-aluno, aluno-professor, etc. Essas relações sociais são muitas vezes muito tensas e causam problemas na escola. A questão das regras implica numa percepção sobre justiça e proteção existente dentro das escolas, porque essas regras não são “consensuadas”, são regras, vamos dizer, que vêm de cima para baixo, que os pais assinam e que muitas vezes não se conhece, o que causa muito conflito. Esse clima escolar também tem relação com os valores e as atitudes, que se constituem como indicadores importantes sobre o funcionamento dessa escola. Tem relação também com outros aspectos. O clima escolar hoje em dia é muito discutido. Muitas vezes fica afastado disso um tema que está muito na moda, são as questões socioemocionais. Esse clima

escolar é um dos aspectos fundamentais para o bom desempenho escolar. Para você ver, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o movimento Todos Pela Educação também escrevem sobre isso. Essa temática vem sendo desenvolvida também pela Oficina Regional de Educação para a América Latina (OREALC/UNESCO). A importância de um clima escolar que traz o melhor funcionamento para a escola, pode ser sinônimo de uma escola que funcione, de forma efetiva. Então se você tem relações sociais positivas dentro da escola, um clima escolar com regras que são discutidas, com uma maior participação do jovem, com uma maior entrada da cultura escolar, com menos adultocentrismo, quer dizer, que a escola não esteja só centrada nos adultos, senão também no jovem, evidentemente que você vai ter uma escola de melhor qualidade e, efetivamente, também, com uma maior participação tanto dos alunos, como dos professores e também dos pais, que é uma outra questão também a ser desenvolvida.

Existe uma relação direta entre a possibilidade de melhor conhecer a escola e a possibilidade de participar do que está acontecendo em seu cotidiano para melhorar a convivência escolar, ou seja, diminuir o nível de violência, seja ela uma violência simbólica ou uma microviolência do cotidiano. Existe uma relação direta entre estes dois fatores. A questão da territorialidade é importante, porque ela implica o lugar em que está a escola. Nós podemos analisar que existe uma violência que vem de fora para dentro da escola, que depende do território, mas depende mais do território, do que das relações sociais que existem entre esses adolescentes e jovens nesse *lócus* onde moram. Muitas vezes essa violência, está principalmente relacionada com a violência dura que vem de fora para dentro, porque os estudantes tiveram alguma desavença fora da escola. Isto se reflete no cotidiano da escola e aí se reflete também com brigas, vamos dizer briguinhas, mas que podem ser brigas que chegam à violência dura. A questão do território tem muita relação com isso. Nessa última pesquisa que nós realizamos, vimos que existem situações ao redor da escola, nas quais o tráfico de drogas tinha uma importância fundamental. A escola, muitas vezes, tinha que funcionar e tinha que, vamos dizer, ter o seu cotidiano não diretamente relacionado com a questão do tráfico de drogas, mas ela tinha que se cuidar, efetivamente dos tiroteios, das brigas que aconteciam no território. Isso gerava consequência no cotidiano da escola, como se vê também aqui no Rio, quando existe tiroteio etc. Um clima violento ao redor da escola, prejudica o cotidiano da escola e, efetivamente, a qualidade. Mas, existe uma outra violência que é essa violência do cotidiano, que passa por essas violências que eu nomeei e pela violência institucional, que acontece no dia a dia da escola. Essas violências, na verdade são as mais importantes, porque muitas vezes elas são silenciosas, elas não são percebidas e prejudicam, como eu disse, anteriormente, o clima escolar e a qualidade do ensino.

***Dialogia*: Seguindo nessa perspectiva e diante de toda a sua experiência com pesquisas na área você poderia nos apresentar comentários sobre as pesquisas recentes sobre a violência escolar no Brasil?**

Miriam Abramovay: Essa é uma pergunta muito difícil, porque no Brasil existem poucas pesquisas sobre o tema e as pesquisas existentes são em geral estudos de caso. Sobre essa questão da violência escolar, essa é uma pergunta que eu não poderia nem nomear as cinco pesquisas feitas, recentemente, porque

elas são antigas e elas não são pesquisas em geral sobre violência. No entanto, nós temos, e acho que, efetivamente, também aí outra questão que é moda, o *bullying*. Há várias pesquisas sobre o *bullying*. Nós não utilizamos o conceito de *bullying*, nós utilizamos o conceito de violência, mas, efetivamente se está trabalhando muito esse conceito que eu, pessoalmente, penso que seja muito restrito.

***Dialogia*: Qual a relação do *bullying* nesse contexto de violências na escola?**

Miriam Abramovay: Vou aproveitar para falar o que eu acho do conceito: nós sabemos que o *bullying* é um conceito de Dan Olweus, que existe há mais de trinta anos e chegou no Brasil, mais ou menos, há alguns anos e virou “moda”. O autor menciona que o *bullying* é uma violência entre os pares. Todas as pesquisas do Olweus estão relacionadas com a observação dele nas escolas, com as crianças e os adolescentes. O problema é que em nosso país as violências não ocorrem apenas entre as crianças, adolescentes e os jovens, manifestando-se também entre todos os atores da escola, ou seja, professor-aluno e aluno-professor. A concepção do Olweus não leva em conta, por exemplo, que na Noruega um aluno possa agredir um professor, isso não existe, então fica uma concepção muito limitada. Eu penso que não podemos negá-lo, porque esse conceito entrou na nossa sociedade, mas nós podemos dizer que é um tipo de violência. Mas, quando se fala em *bullying* o grande problema também é que o *bullying* é tudo. O que é o *bullying*? Quando se diz que em Suzano o adolescente sofreu *bullying*, o que se quer dizer com isso? Qual a especificidade disso? E quando a gente quer trabalhar a questão da convivência e da violência escolar é importante que se especifique do que se está falando, se essa violência tem relação com o racismo, é importante trazer isso à tona e falar. Eu acho que o *bullying* não consegue fazer isso, se tem relação com agressividade, com o maltrato dos alunos para com os professores, isso tem que ser especificado e não podemos dizer que o professor sofreu *bullying* do aluno, isso jamais, porque é uma relação entre os pares, então isso não pode ser dito.

***Dialogia*: Gostaríamos que nos falasse um pouco sobre seus estudos a respeito da Cultura da Paz e o que você pensa ser fundamental em um processo formativo de professores para que essas temáticas possam ser contempladas nas práticas pedagógicas e/ou na escola?**

Miriam Abramovay: A questão da cultura de paz, é um problema, porque a cultura de paz é um conceito da UNESCO que é utilizado para países que estão em guerra. Assim como a questão do *bullying*, eu perguntaria: o que é cultura de paz? O que significa? Qual a utilidade desse conceito? Isso, porque nós que trabalhamos com a questão de violência e de juventude temos que pensar nos conceitos que vamos utilizar e que eles sejam concretos. A cultura de paz não é um conceito concreto. Eu utilizo cultura de não violência, contrapondo à cultura da violência, mas eu não utilizo a cultura de paz. E sobre o processo de formação dos professores, é fundamental que essas temáticas estejam contempladas, teoricamente e na sua prática pedagógica também, porque se elas não estiverem contempladas na sua prática pedagógica, e se eles não estudarem essa temática, eles chegam na escola completamente despreparados para poderem vivenciar o seu cotidiano, e aí nós sabemos de todos os problemas: os problemas de esgotamento, de Burnout e tudo o que acontece com os professores.



Foi pensando nessas questões que apresentamos uma proposta de um curso de 400 horas, principalmente para a formação de professores, sobre os temas: juventude, violência nas escolas, sexualidade e drogas, temas esses que são difíceis de serem discutidos hoje em dia. Esse é um curso que fala justamente da questão das juventudes. Ele se atém bastante à questão das violências nas escolas, mostrando os três tipos de violência que eu falei, aprofundando sobre essa questão das várias violências e o porquê de se usar o conceito da violência e não o de *bullying*. O objetivo é que os professores, os assistentes sociais, os psicólogos etc., possam ter formação para trabalhar, de forma diferente com esse jovem. A questão da sexualidade, por exemplo, é uma questão que hoje não pode ser tocada. Trabalhar essa questão da importância da sexualidade para jovens e para os adolescentes e já estar de olho também, sem dúvida, no que as crianças pensam sobre essa questão. Poder aprofundar, mas também discutir temas como a homofobia e o que está acontecendo hoje na nossa sociedade. A questão das drogas foi uma reivindicação também de muitos professores para poderem aprofundar o uso das drogas e dessas várias discussões que se está tendo na nossa sociedade sobre essa questão, sem cair numa posição medicinal e numa posição também, vamos dizer, moralista sobre esse assunto. É um curso de especialização e acho que é um curso que vale a pena fazer.

***Dialogia:* Nós gostaríamos agora de deixar você à vontade para fazer o encerramento, caso nós não tenhamos pontuado nas perguntas anteriores algum elemento que você considera fundamental, para tratar, discutir ou refletir sobre essa questão de violência na escola.**

Miriam Abramovay: Eu tenho impressão que talvez tenha faltado falar um pouco sobre a questão da judicialização da escola. Muitas vezes, problemas comuns e recorrentes não são enfrentados pela própria escola que poderia fazê-lo e ela judicializa, enviando estudantes para o Conselho Tutelar ou chamando a polícia. Existe um outro grande problema com a subutilização de uma rede que a escola poderia acessar, como a assistência social, saúde e outras instituições. A relação entre a escola e outras instituições não é fluída. A escola se desespera e muitas vezes chama a polícia em situações ou que ela mesma poderia resolver ou que ela poderia apelar para uma rede que existe na sociedade e que está pronta para atendê-la, no entanto não existe essa relação com a escola.